

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS
EDUCACIONAIS
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

**FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: O ACERVO DO
MUSEU HISTÓRICO DE CRUZEIRO DO OESTE
COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO**

NANCI EDILANI CORREA

MARINGÁ – PR

2008

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

PRODUÇÃO DIDÁTICO - PEDAGÓGICA

NANCI EDILANI CORREA

Produção didático-pedagógica desenvolvida por meio do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, na área de História, com o tema de intervenção: História do Paraná.
Orientadora: Prof^a. Rosana Steinke

MARINGÁ – PR

2008

APRESENTAÇÃO

Colegas professores (as) de História

A utilização de mídias como recurso ao processo de ensino-aprendizagem tem sido um dos alvos da Secretaria de Educação do Paraná e vem sendo implantadas nas escolas públicas, através de programas como o Paraná digital e televisores multimídias que levam ao aluno paranaense a oportunidade de entrar em contato com as novas tecnologias e de utilizá-las como parte do seu desenvolvimento educacional. Apesar de certa resistência, a princípio, a tudo o que é novo, a mídia tem muito a nos oferecer, desde que ela seja entendida como uma ferramenta no processo de adquirir e processar o conhecimento, caso contrário, mídia por mídia, tecnologia por tecnologia não superará o que boa parte dos nossos alunos já estão habituados.

A utilização dos laboratórios de informática pode oferecer ótimas oportunidades e também desafios ao professor que se dispõe a utilizá-la como elemento para enriquecer as suas aulas. Do planejamento apropriado até a disposição de controlar o alvoroço inicial dos alunos o professor poderá despertar uma nova atitude deles com relação ao conhecimento e a pesquisa.

A disciplina de História vista como uma “coisa do passado” muito pode se beneficiar com a utilização do laboratório de informática, pois a pesquisa, a utilização de fontes documentais, o passeio por museus virtuais facilitam e muito o entendimento da disciplina como algo vivo e desencadeadora de processos que se desdobram até a atualidade.

A idéia de elaborar um CD-ROM como material pedagógico vem ao encontro da necessidade em utilizar algo dinâmico para se trabalhar com fotografias que nos contam sobre o processo de colonização da região noroeste do Paraná.

O material está dividido em duas partes. A primeira o Cd-Rom produzido de forma a travar um diálogo com o aluno através da apresentação de iconografias que nos relatam a história da região. A outra parte trata-se de um texto de apoio ao professor com informações sobre o processo de colonização e uma análise das imagens que creio, o ajudará com subsídios para o trabalho no laboratório de informática de sua escola.

Ao utilizar essa mídia, espera-se que, a implementação do Projeto de Pesquisa desenvolvido durante o ano de 2008 através do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) da SEED, ocorra de maneira mais rica e produtiva.

SUMÁRIO

1. A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA	1
2. MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL	6
3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	10
3.1 A VELHA CASA DE MADEIRA: HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	10
4. ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS.....	14
5. TRABALHANDO COM IMAGENS.....	16
REFERÊNCIAS.....	26

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: O ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO DE CRUZEIRO DO OESTE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO.

1. A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE HISTÓRIA

As imagens, no mundo contemporâneo, mais especificamente as fotografias, estão por toda parte registrando fatos, acontecimentos, momentos. A exposição de imagens em excesso no cotidiano, por meio da presença de *outdoors*, da televisão e do cinema, das revistas, entre outros meios de comunicação, contribui para a banalização de seu uso. Mesmo em materiais didáticos, muitas vezes, encontramos o uso da iconografia como mera ilustração. Raras vezes nos deparamos com o uso da imagem, ou da iconografia, como um objeto de investigação que desperte no interlocutor a reflexão sobre a mesma, percebendo sua riqueza e sua devida importância nas reflexões sobre o ensino de história e memória.

O uso da fotografia disseminou-se no século XX, e passou a ser utilizada como registro dos mais diversos acontecimentos. De um acontecimento social e familiar, onde havia todo um ritual para tirar o “retrato” até os dias atuais, onde a imagem digital a todo instante captura o momento, a fotografia tem percorrido um grande caminho: ela tem registrado casamentos, nascimentos, romances, bodas, aniversários, enfim, a história do cotidiano e tem registrado os acontecimentos da política e da história nacional e mundial. Conforme aponta Burke, as imagens interessam ao historiador, tanto pelo que elas deixam transparecer quanto ao que ela omitem (BURKE, 2004: p. 20).

Segundo Del Priore “a fotografia é plural e suas abordagens são igualmente múltiplas” (DEL PRIORI, 2008: p.91). A utilização dessa rica fonte no ensino da História tem se apresentado como um desafio. A própria discussão do uso da fotografia como fonte histórica tem gerado muitas controvérsias, pois durante muito tempo o texto escrito reinava soberano na historiografia. A própria idéia do texto como fonte documental maior, revela-se de certa forma até mesmo na divisão tradicional da História: temos uma Pré-história e uma História propriamente dita. A História teria começado com a escrita, tudo que antecede a ela considera-se pré-

história, ignorando-se assim as pinturas em cavernas e outros tantos vestígios materiais deixados pelo homem primitivo. Como se a História só pudesse ser contada a partir da invenção da escrita.

Da mesma forma que as fontes escritas, as imagens, e nesse caso a fotografia, devem ser vistas como mais um instrumento da compreensão histórica e como qualquer outra fonte ela deve ser questionada, analisada e confrontada com outras fontes. Conforme afirma Burke (BURKE, 2004: p.18), para o historiador “[...] utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário como no caso de outros tipos de fonte, estar consciente das suas fragilidades”. Ela em si não é neutra: a fotografia fala, tem um discurso que deve ser visto e revisto dentro de um contexto em que ela foi produzida. Segundo Borges “toda e qualquer imagem fotográfica possui historicidade essencial, que aflora com mais ou menos força de acordo com a pergunta formulada” (BORGES, 2003).

É, portanto necessário termos essa clareza ao utilizar a fotografia como fonte histórica, pois a própria pergunta nos revela uma não-neutralidade, uma determinada visão sobre o momento captado pela lente fotográfica. Bittencourt ressalta que uma foto é sempre produzida com determinada intenção, existem objetivos e há arbitrariedade na captação das imagens (BITTENCOURT: 2008, p.367).

Ao empregar a fotografia como documento para contar a história de um pequeno município e conseqüentemente da região na qual ele está inserido é importante não perdermos de vista a intencionalidade com que a fotografia foi produzida. A análise de tal documento poderá contribuir no enriquecimento do trabalho com história local, pois a imagem tem a capacidade de instigar, desafiar, de despertar a curiosidade do público para o qual se propõe este trabalho.

2. MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL

Ao procurar trabalhar com história local, preenche-se duas lacunas: a dificuldade que nós professores temos em trabalhar tal temática, devido à falta de material, principalmente da história das pequenas localidades, e também a necessidade do aluno em conhecer a sua história-próxima. O trabalho com história local faz com que ele desenvolva o sentimento de pertença, lança um novo olhar sobre a sua localidade, ao compreendê-la como um lugar de memórias e mesmo de contradições.

O aprendizado e o conhecimento desses processos de memória são fundamentais para a capacitação dos indivíduos na elaboração e compreensão de sua própria história, de sua habilidade de “fazer história” através dos fragmentos e relatos encontrados nos diferentes “baús”, pessoais, familiares, coletivos e institucionais (HORTA, 2008, p.112).

De acordo com Schmidt e Cainelli (2004, p.113), “o trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar suas próprias historicidade e identidade”. Assim, trabalhar a história da colonização ou **re-ocupação**, como demonstra Tomazzi (1999) é importante para essa percepção.

Leva-se em consideração alguns aspectos que justificam este trabalho, como o fato de que poucas foram as pesquisas que se dedicaram ao estudo da memória do município de Cruzeiro do Oeste. Ressalta-se ainda a presença do acervo fotográfico do museu da cidade, que é pouco utilizado como local de análise e reflexão por professores e alunos. Portanto, esta pesquisa propõe desenvolver um material didático que se utilize dessas fontes, presentes dentro do museu e deste enquanto espaço de reflexão histórica. Tal prática pode auxiliar para que se façam outras leituras do processo de colonização em que está inserida a cidade, dentro do contexto da expansão capitalista da década de 1930, melhor compreendendo tal dinâmica.

Segundo Baller (2007), “a valorização dos referenciais locais, em oposição à globalização, cobre de importância a sustentação de identidades que possibilitem às pessoas a referência ao seu lugar e ao seu grupo de pertencimento”. Frisa-se aqui que tal referencial pode ser utilizado como lugar de observações, reflexões, visitas, pesquisas e trabalhos práticos, percebendo o seu acervo como sendo representativo

de um recorte da realidade à medida que é a sociedade que determina “como é preservado, o que é preservado e por quem é preservado” (BITTENCOURT, 2008, p.277).

2.1 A CIDADE DE CRUZEIRO DO OESTE: UM BREVE HISTÓRICO

A colonização da região noroeste do Estado do Paraná ocorreu no início do século XX, e foi efetivada com a atuação das companhias colonizadoras. Tais companhias adquiriam do governo do estado terras devolutas, e passavam a vender os lotes para quem pudesse adquiri-los. Ao utilizar-se de intenso recurso publicitário, as companhias colonizadoras procuravam atrair o maior número de compradores para os seus lotes.

Devemos nos lembrar que o processo de colonização da região faz parte de um contexto muito mais amplo da política nacional que por sua vez estava atrelada aos ditames da economia internacional. Conforme Mota:

Primeiro no sentido de atender aos interesses de expansão e exportação da cafeicultura e seu produto; e em segundo lugar, angariar lucros com a venda de terras pelas empresas privadas e pelo próprio Estado (MOTA, 2005, p.81).

É dentro deste contexto que se situa a cidade de Cruzeiro do Oeste. Região anteriormente pertencente ao território Del Guairá, onde os jesuítas espanhóis fundaram suas missões na intenção de catequizar os povos indígenas que habitavam o local. Após a destruição das missões pelos bandeirantes paulistas, a região viu-se, por um longo período, “esquecida” da ação do branco colonizador.

É no início do século XX, no contexto da expansão capitalista, que a região é “re-descoberta”. Iniciou-se um processo de colonização tão violento que, nas palavras de Mota (2005, p.69), “[...] em menos de trinta anos tudo estava desmatado e ocupado com vilas, cidades e grandes plantações de café”. A mata foi derrubada não só para dar lugar às cidades e aos cafezais, mas também para a construção de estradas ligando um núcleo populacional a outro.

Além da ação governamental, companhias colonizadoras participaram da colonização da região como a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP)

e a COBRASA Companhia Sul Brasileira de Terras e Urbanização. Considerada o “Novo Eldorado” a região atraía pessoas de diversas nacionalidades como italianos, portugueses, sírios, libaneses, japoneses entre outras. Houve também uma grande massa populacional vinda de diversas partes do Brasil como: mineiros, paulistas, catarinenses e nordestinos.

A primeira atividade que o colono fazia quando chegava a seu lote de terra era a construção de um rancho para seu abrigo e de sua família, em seguida começava a derrubada das matas (MOTA, 2005, p.82).

As matas iam cedendo lugar aos cafezais, que seriam a locomotiva que traria o progresso a região. A idéia de uma cidade que se elevaria no horizonte ladeada de cafezais está explícita em alguns informes publicitários, como o da Companhia Sul Brasileira de Terras e Urbanização, a COBRASA, segundo o informe “Cruzeiro do Oeste seria a capital da novíssima zona do café do Paraná”. Crescimento e declínio foram vivenciados por Cruzeiro do Oeste e região na esteira da expansão cafeeira até meados da década de 70, quando depois de várias crises e em decorrência de “geadas negras” a lavoura cafeeira praticamente foi extinta da região.

Conhecer a nossa história é conhecer a história dos povos que habitavam essa região. Porém, historiadores, geógrafos, sociólogos, integrantes de companhias colonizadoras e órgãos governamentais contribuíram para criar a idéia de uma região quase despovoada, no mapa representada por grandes extensões de florestas e praticamente despovoada. A idéia do *vazio demográfico* foi construída ao longo do tempo por muitos que escreveram a história dessa região.

Os termos mais utilizados eram: terras devolutas, sertão, mata virgem, sempre no sentido de terra desabitada, dentro dessa construção elevava-se então a imagem do pioneiro desbravador tendo ele pela frente um grande desafio: domar o sertão. Os perigos eram muitos, a floresta fechada, os animais selvagens, as doenças e epidemias que assolavam. “A ocupação da mata virgem cheia de perigos é uma epopéia que precisa ser contada e recontada até se tornar verdade” (MOTA, 2005, p.78). Em muitas obras que tratavam da colonização essa ideologia foi repetida a exaustão e dentro desse contexto, nenhuma palavra sequer sobre os caboclos e indígenas que habitavam a região e que resistiram à destruição do seu modo de vida e à conquista de suas terras.

Entre as populações mais antigas que habitavam a região onde hoje se encontra Cruzeiro do Oeste da qual se tem registros, podemos destacar os Xetá. Considerada a única etnia genuinamente paranaense, os xetá foram contatados esporadicamente desde a primeira década do século XIX, quando empregados do Barão de Antonina fizeram contato com eles nas imediações da foz do rio Corumbataí com o rio Ivaí. Mais tarde, em 1872, um pequeno no grupo foi capturado pelo engenheiro inglês Thomas Bigg-Whiter. Porém, o encontro mais documentado deu-se na região da Serra dos Dourados, próximo a Umuarama, entre 1955 e 1956, com um grupo de dezoito xetá (MOTA, 2005).

Os xetá viviam de coleta e extrativismo, sempre migrando. O contato com o branco colonizador foi tão trágico para essa etnia que em menos de 50 anos ela deixou de existir enquanto população. Hoje existem menos de dez remanescentes com suas famílias que estão espalhados pelo Paraná vivendo nas comunidades indígenas Guarani e Kaingang. Seu maior desafio, hoje, é recuperar sua língua, visto que há apenas dois falantes da língua vivos.

Tais aspectos acima descritos muitas vezes são silenciados e outros tantos são ressaltados pela memória oficial e não-oficial, em um processo de memorização da história local que pretendemos discutir mais aprofundadamente no artigo final deste projeto. Como forma de investigação e eleição de material didático, optamos pelo uso da iconografia (principalmente fotografia e folhetos propagandísticos) e visitas a um museu local, procurando a partir de tais atividades, formular questões sobre a história e memória local.

3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

3.1 A VELHA CASA DE MADEIRA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Construída por Paulo Andruski, em meados de 1952, a “velha casa”, hoje o Museu Histórico de Cruzeiro do Oeste, situava-se na Rua Dr^a. Maria Tilger, 241. Toda feita em peroba, madeira abundante naquela época, constitui-se numa das mais antigas edificações do município. Em 1991 Prefeitura Municipal, após negociações com Eugênio Andruski, filho de Paulo Andruski, adquiriu a mesma. Sob a responsabilidade de José Teleski, antigo morador da cidade e de seus dois netos, Alcenir Teleski e Éder Teleski ocorreu à transferência e restauração da mesma, sendo concluída em março de 1992. Hoje o museu se situa à Rua Frei Gaspar, número 241.

A *velha casa* transformada em museu recebeu o nome de Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos, em homenagem a um alagoano que entre inúmeros outros na década de 50 vieram conhecer a cidade de Cruzeiro do Oeste e por aqui ficaram. Advogado, formado pela Faculdade de Direito de Alagoas, em Cruzeiro do Oeste foi também vereador e Procurador do Município, durante o período em que residiu na cidade participou ativamente de sua vida política e social.



Dr. Carlos dos Anjos
Fonte: Acervo particular de Rosane dos Anjos.

Hoje o museu conta com inúmeros objetos que nos contam parte da história do município e conseqüentemente a história do processo de colonização do noroeste do Paraná. Faz parte desse acervo, além dos objetos, um grande número de fotografias, que nos relatam desde os acontecimentos oficiais até o cotidiano vivenciado pela comunidade ao longo dos anos.

Visitar o museu da cidade é estar diante das mudanças e permanências registradas através do testemunho dos objetos e das lentes dos fotógrafos que aqui

estiveram. É no diálogo que se trava com os objetos ali preservados, na busca de respostas ou na formulação de novas perguntas que o museu cumpre o seu papel.

Podemos nos questionar qual leitura a comunidade e os educandos em especial, ainda fazem desse local? Seria um lugar cheio de quinquilharias que não lhe dizem respeito?

Na interpretação de um morador local, professor Alceu Piegat, um dos idealizadores do museu:

Museu não é um “depósito de velharias” porque são “coisas ultrapassadas”. As “velharias” encontradas num Museu são expressões de mentalidades que um dia foram jovens, com anseios e ilusões e que mostram as dificuldades enfrentadas por uma ou mais gerações (PIEGAT, 1972).

Os museus históricos são geralmente designados como *depositários da memória*, lugares de *preservação da memória*. Ao trabalhar com o acervo de um museu local interessa aqui discutir como se constituem esses *lugares da memória*. Segundo Nora, tais lugares podem parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial e prender o máximo de sentido num mínimo de sinais. Ao estabelecer vínculos entre o tempo passado e tempo presente, mesmo que seja através de bens materiais, há que se ressaltar que, além do edifício e dos objetos preservados, há também a construção de símbolos e rituais, que também podem ser denominados como lugares de memória.

Para Nora, os lugares de memória são simultaneamente materiais, funcionais e simbólicos, territórios de “edificação da memória”. Portanto, cabe ao professor mostrar ao aluno que aquela seleção de objetos/etc é também uma escolha e que podemos ler o espaço do museu e o que ele contém como um espaço não de uma única versão sobre o fato, mas diferentes versões, ou seja, diferentes memórias.

Ao conhecer o local que é depositário da memória da cidade o aluno será confrontado com uma história que lhe diz respeito, uma história da qual fizeram parte seus pais, avós e outros. “O Museu além de ser laboratório de si mesmo, deve ser um laboratório para a comunidade, pois ela é que mais contribui para o enriquecimento do acervo de qualquer Museu” (PIEGAT, 1972).

Pensando em tal espaço como um espaço vivo e sempre sendo recriado, propomos a intervenção pedagógica a partir do acervo do museu, incluindo aí sua

própria arquitetura. Tal intervenção pedagógica pode ser feita através de uma visita ao museu, feita pelos alunos, seguida de indagações sobre aquele espaço e uma entrevista aos que vivenciaram aquele período, como seus familiares, por exemplo. Em tal exercício o aluno poderá concluir que não existe uma memória coletiva única e sim várias memórias que são construídas ao longo do tempo.

O próprio museu é um exemplo dessa dinâmica: afinal, quem estabelece o que deve ser preservado, o que deve ser esquecido ou o que deve ser lembrado? Ainda sobre esta questão, Bittencourt nos propõe a inversão de “um olhar de curiosidade” sobre um “passado ultrapassado” por um “olhar de indagação”, de informação, aumentando assim o conhecimento do homem sobre si e sobre a sua história (BITTENCOURT, 2008).

Como despertar a consciência da preservação em uma geração “imediatizada”, filha de um “um país sem memória”?

Considerar a preservação do patrimônio histórico como uma questão de cidadania implica em reconhecer que, como cidadãos, temos o direito à memória, mas também o dever de contribuir para a manutenção desse rico e valioso acervo cultural de nosso país (ORÍÁ, 2005, p.140).

Se ser cidadão é também ter direito à memória, nada melhor do que desenvolver em nossos educandos a consciência da preservação do nosso patrimônio histórico e cultural. Infelizmente faz-se verdadeira a afirmação de Oriá de que “qualquer cidadão que vagar pelas ruas de sua cidade, sobretudo os mais velhos, terá, com certeza, uma sensação de perda: poucos referenciais históricos resistiram à ação do tempo” (ORÍÁ, 2005, p.139).

Defende-se hoje a inserção da educação patrimonial nas escolas para dar forma a proposta de preservação dos nossos bens históricos e culturais:

Por educação patrimonial, entende-se a utilização de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas - os lugares e suportes da memória- no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos e futuros cidadãos da importância da preservação desses bens culturais (ORÍÁ, 2005, p.141).

Conhecer a história da sua localidade, sentir-se sujeito dela poderá fazer com que o jovem se sinta parte integrante e, porque não, ativa da memória e/ou

memórias da coletividade, seja ela representada por bens materiais ou bens imateriais.

Pensando em tais questões, estas nos remetem à possibilidade da escolha de trabalhar com temas de história regional ou local, que, conforme sugere Cerri, possam ser investigados em fundos documentais acessíveis, localizados na cidade, como atividade didática junto aos alunos. Conforme esse autor, dessa maneira, as atividades acabam por atuar sobre a formação da identidade dos que delas participam, a partir da perspectiva da História regional, e dão ao professor uma amostra da dimensão de seu trabalho na escola (CERRI, 2008, p. 30).

O aluno que passa por essas atividades é posto diante de uma série de questões que, a nosso ver, são hoje essenciais à prática do professor de História: a postura de pesquisa como investigação da realidade e do passado das pessoas com as quais interage; a premência de tornar cada vez mais as aulas de História como espaço dessa pesquisa; a possibilidade de produção do conhecimento por parte dos alunos em idade escolar; a necessidade de atenção e elaboração de outras histórias, além da tradicional oficial. Dessa maneira, cremos que as atividades de formação do professor de História agem, sobre a prática, nas características do professor que se preocupa com outras questões, além da reprodução do conhecimento histórico acadêmico em classe (CERRI, 2008, p. 30).

Perceber o processo de construção histórica possibilitará ao aluno compreender a importância da preservação da memória e das referências locais “isso é possibilitado pelo uso adequado dos locais de memória, pelo manuseio cuidadoso de documentos que podem constituir fontes de pesquisas ou pelo reconhecimento do trabalho feito pelos pesquisadores” (PARANÁ, 2008, p.42).

4. ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Pensamos na história local como lugar de memória, elegemos o museu da cidade e seu acervo para trabalharmos junto aos alunos da primeira série do curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Anchieta – Ensino Médio e Normal.

Para isso, a visitas aos museus pode ser de suma importância para a percepção do processo histórico de sua localidade. Almeida e Vasconcellos no artigo “Por que visitar museus” fazem algumas sugestões aos professores para uma visita planejada aos museus, que em linhas gerais seriam:

- Definir os objetivos da visita;
- Visitar a instituição antecipadamente até alcançar uma familiaridade com o espaço a ser trabalhado;
- Preparar os alunos para a visita através de exercícios de observação, estudo de conteúdos e conceitos;
- Coordenar a visita de acordo com os objetivos propostos ou participar de visita monitorada, coordenada por educadores do museu;
- Elaborar formas de dar continuidade à visita quando voltar à sala de aula;
- Avaliar o processo educativo que envolveu a atividade, a fim de aperfeiçoar o planejamento de novas visitas, em seus objetivos e escolhas.

Visitar o museu é entrar em contato com o modo de habitar/morar de um determinado momento histórico. A própria casa-museu com sua arquitetura, construída com a madeira que era abundante na região, carrega em si todo o referencial de uma época. Encontram-se ali além das inúmeras fotografias que traçam um perfil do que foi cotidiano da cidade, objetos capazes de construir ou reconstruir as memórias da colonização do município, como: garrucha, lampiões, máquinas de costura, rádio à pilha (único meio de informação e contato com o mundo exterior), lamparinas, utensílios domésticos como panelas e chaleiras de ferro, moedor e torrador de café, moringa de barro, ferro de passar roupa à brasa.

Entrar em contato com esses objetos para muitos alunos pode ser um exercício de rememoração de histórias contadas e recontadas por pais, tios e avós.

De buscar no passado, que ele não viveu, algo de familiar e despertar um sentimento de empatia que, segundo Peter Lee, é se colocar no lugar do outro, compreendendo que as pessoas são produtos de sua época e que é dentro deste contexto que seus valores, atitudes e crenças devem ser analisadas (LEE, 2003).

3.2 A ICONOGRAFIA COMO 'LUGAR DE MEMÓRIA'

A idéia de se trabalhar com a iconografia deveu-se em parte ao grande número de fotografias e imagens que fazem parte do Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos e que até o momento raramente tinham sido utilizadas para um trabalho que pudesse contar parte da história da colonização do município. A seleção das fotografias foi feita de tal forma que focalizasse os primeiros anos de fundação da cidade elegendo-se, de certa forma, as “imagens fortes” (BITTENCOURT, 2008, p.368) em detrimento das inúmeras fotografias de eventos oficiais que fazem parte do acervo.

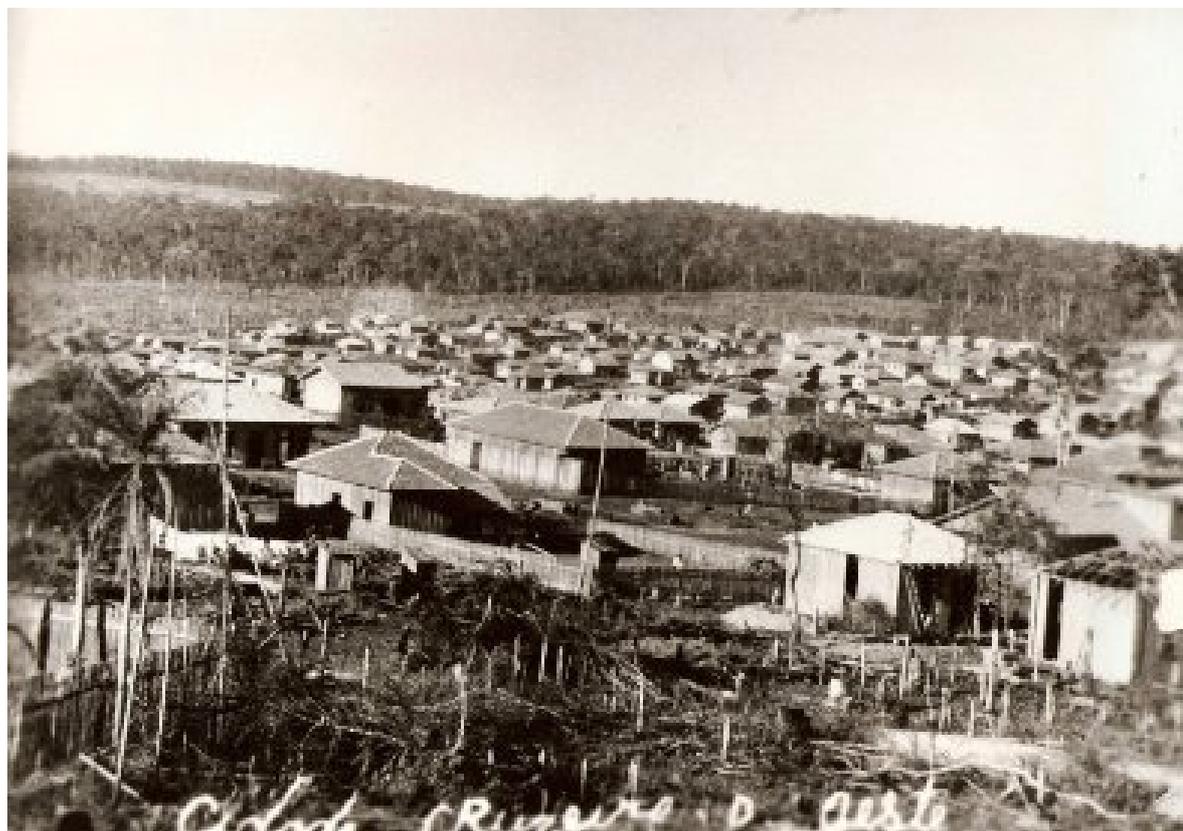
Esse material iconográfico selecionado e disponibilizado para os alunos no laboratório de informática do colégio possibilitará o estudo das imagens e suas representações. Devendo-se levar em consideração que a iconografia como qualquer outra fonte, deve ser desconstruída, questionada, buscando o contexto social em que a imagem foi produzida.

Por meio de links inclusos em algumas imagens o aluno terá acesso às informações sobressalentes relacionadas à figura em questão e também a fotografias atuais dos lugares estudados, permitindo um exercício a respeito de mudanças e permanências, executando um estudo comparativo (BITTENCOURT, 2008).

Compreender a iconografia como fonte documental e não como mera ilustração, perceber a história ou várias histórias impressas em uma fotografia, interpretar os seus discursos e os seus silêncios é dar um passo importante na compreensão da formação e da transformação dos processos históricos que se desenrolam até a presente época.

5. TRABALHANDO COM IMAGENS

IMAGEM 01



Fonte: Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos de Cruzeiro do Oeste.

Vista panorâmica de Cruzeiro do Oeste – ano de 1953. Em meio a mata derrubada a cidade começa a ser erguida. Vemos casas construídas, casas em construção, mata recém derrubada. Ao fundo ainda podemos ver uma grande extensão de mata. No imaginário do pioneiro, a mata era um desafio a ser vencido, derrubar a mata era “limpar”, era trazer a civilização.

IMAGEM 02



Fonte: Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos de Cruzeiro do Oeste.

Foto do antigo cinema na atual Rua João de Resende, datada de 1955. À frente vemos três caminhões carregados de toras, possivelmente pertencentes à mesma árvore, isso nos dá uma pequena idéia da grandiosidade da floresta que cobria o norte paranaense. O comércio de madeira movimentava a economia da região.

IMAGEM 03



Fonte: Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos de Cruzeiro do Oeste.

Benito Almodovas Rodrigues (com o índio no colo), José e o índio Júlio (1952) na gleba nº. 09 – colônia Serra dos Dourados, hoje distrito do mesmo. Podemos chamar essa foto de impactante à medida que ela põe por terra a ideologia do *vazio demográfico*.

IMAGEM 04



Fonte: Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos de Cruzeiro do Oeste.

Nas comemorações do 5º aniversário de Cruzeiro do Oeste, estão o auxiliar do Frei Gaspar, índio Natal e o Dr. Paulo Bittencourt, diretor da Companhia Sul Brasileira de Terras e Urbanização.

O índio foi deixado pela tribo por que estava doente, os moradores o encontraram e levaram para casa paroquial onde frei Gaspar o criou até a maioridade.

Uma imagem emblemática, o representante da Companhia colonizadora ao lado de um representante dos primeiros habitantes da região.

IMAGEM 05



Anúncio publicitário publicado no Jornal “O Oeste do Paraná”, 31 de dezembro de 1956. Fonte: Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos.

Material interessante para análise, pois nos mostra como o “discurso do vazio demográfico” foi sendo construído ao longo do tempo. Apesar da região de Serra dos Dourados ser considerada território dos índios Xetá desde tempos imemoriais, o anúncio publicitário colocado em um jornal pela Cia Brasileira de Imigração e Colonização- COBRIMCO- silencia-se completamente em relação a esse povo que habitava o “verdadeiro **achado** no Norte do Paraná”. Imagens de uma terra fértil e de uma floresta com “magníficas reservas de madeira de lei” completam o quadro mais que atrativo aos pioneiros de então.

IMAGEM 06



Fonte: Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos de Cruzeiro do Oeste.

Foto dos remanescentes indígenas e também do Dr. Bolívar Carneiro (médico pioneiro na região), 1956.

Podemos ver nesta fotografia os indígenas já em processo de aculturação.

IMAGEM 07



Fonte: Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos de Cruzeiro do Oeste.

Foto do Hotel Marília- (1955)- Na rua Peabirú nº 351, encontrava-se o Hotel Marília onde atualmente é o banco Bradesco.

Da madeira abundante na região, canafístula e peroba, eram construídas as casas e os estabelecimentos comerciais.

É de se notar no acervo fotográfico do Museu da cidade um grande número de hotéis na cidade, o que se explica por Cruzeiro do Oeste ter tido a segunda maior população do Estado, sendo aqui um local com grande afluxo de pessoas que vinham para se estabelecer na cidade ou comprar terras na região.

IMAGEM 08



Fonte: Acervo da própria autora.

Casa antiga/ atual museu “Dr. Carlos dos Anjos” - reconstruído por José Teleski, com a madeira (peroba) da antiga casa do ano de 1952 (proprietário Sr. Eugênio). Adquirida pelo município em 1991.

IMAGEM 09



Fonte: Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos de Cruzeiro do Oeste.

Grande centro comercial o Bairro Cafeeiros tinha um dos maiores hotéis da região, Hotel Cafeeiros, onde se hospedavam compradores de terras, autoridades e funcionários das companhias colonizadoras.

Impressiona na fotografia a grandiosidade do Hotel. Podemos observar os robustos carros da época, entre eles o *Jeep* que devido à precariedade das estradas era um dos meios de transporte mais utilizados.

IMAGEM 10



Fonte: Museu Histórico Dr. Carlos dos Anjos de Cruzeiro do Oeste.

Esse cartaz publicitário é carregado de significados para compreendermos a formação do município de Cruzeiro do Oeste e a colonização da região:

- O nome da cidade dentro de uma estrela em destaque no centro.
- Tanto na parte superior quanto inferior do cartaz temos o nome dos produtos agrícolas que faziam a riqueza da cidade.
- Na parte superior os aviões representam um dos principais meios de transportes utilizados para chegada à região, dada a precariedade das estradas.
- Ao lado direito na parte inferior dois sinônimos do progresso: a torre de comunicação e a estrada de ferro.
- Do lado esquerdo mais duas significativas representações do progresso e da riqueza: chaminés de fábricas e plantações de café.
- A cidade era considerada um dos maiores empreendimentos do governo Munhoz da Rocha.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo, Contexto, 2005, p.104-116

BALLER, Gisele Inês. Museu - espaço de identidade. **Revista Museu**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art .asp?id=13615](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art.asp?id=13615)>. Acesso em: 20 jul. 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes – **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.

BORGES, P. H. P. História e Fotografia. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 12, n. 12, p. 22, 2003. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art15_12.htm#_edn1>. Acesso em: 20 out. 2008.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CERRI, L. F. Cidade e identidade. Região e ensino de história. In: ALEGRO, Regina Célia, et al. **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. Londrina, Paraná: Eduel, 2008.

COBRASA. Companhia Sul Brasileira de Terras e Urbanização. **Cruzeiro do Oeste – Capital da Novíssima Zona do Café do Paraná**. Informe publicitário (mimeo).

DEL PRIORE, Mary. A fotografia como objeto da memória. In: SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura popular e educação: Salto para o futuro**. Brasília, Secretaria de Educação à Distância- SEED, 2008, p.91-94

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Os lugares de memória. In: SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura popular e educação: Salto para o futuro**. Brasília, Secretaria de Educação à Distância- SEED, 2008. p.111-118.

LEE, P. "Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé": compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, I. (Org.). **Educação histórica e museus**. Braga: Centro de Investigação em Educação; Instituto de Educação e Psicologia; Universidade do Minho, 2003. p. 19-36.

MOTA, Lucio Tadeu. **História do Paraná: a ocupação humana e as relações interculturais**. Maringá: EDUEM, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n. 10, p. 12. São Paulo: PUC-SP, 1993.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 128-148.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação, Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares estaduais para o ensino de História**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2008.

PIEGAT, A. **O museu**. Cruzeiro do Oeste, ago., 1972 (mimeo).

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZEIRO DO OESTE – PARANÁ. Disponível em: <<http://www.cruzeirodoeste.pr.gov.br/historia.php#>>. Acesso em: 13 out. 2008.

RODRIGUES, Ari. et al. **Cruzeiro do Oeste**: origens e formação. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste, 2000.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SEED. Secretaria de Estado da Educação. **Governo e remanescentes dos Xetás no Paraná discutem proposta pedagógica**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/modules/noticias/article.php?storyid=489>>. Acesso em: 13 out. 2008.